



Cléa: uma sacerdotisa isíaca com conhecimentos filosóficos nas obras de Plutarco

(Clea: an Isiac priestess with philosophical knowledge of Plutarch's works)

Ellen Juliane Bueno dos Santos / Ana Teresa Marques Gonçalves
Universidade Federal de Goiás. Brasil

Ellenjuliane@gmail.com

Enviado: 30/09/2023

Evaluated: 18/10/2023

Accepted: 19/10/2023

RESUMO

O objetivo principal neste artigo é analisar o papel do conhecimento filosófico na piedade religiosa segundo Plutarco de Queroneia, usando a educação da sacerdotisa Cléa como exemplo. Plutarco dedicou dois textos a Cléa: *Sobre Ísis e Osiris* e *Sobre as virtudes das mulheres*. O bom comportamento religioso, para Plutarco, baseia-se na compreensão adequada da filosofia e na aplicação desse conhecimento nos ensinamentos religiosos, o que nos parece evidente em *Sobre Ísis e Osiris*. Nesse tratado, o autor grego ensina Cléa a interpretar os mitos e os preceitos egípcios de maneira filosoficamente correta, visando torná-la uma "verdadeira" isíaca, especialmente após sua iniciação nos mistérios dessa divindade.

Palavras-chave: educação, filosofia, Plutarco, culto isíaco, piedade religiosa.

ABSTRACT

The main objective is to analyze the role of philosophical knowledge in religious piety according to Plutarch of Chaeronea, using the education of Clea as an example. Plutarch dedicated two texts to Clea: "On Isis and Osiris" and "On the Virtues of Women." For Plutarch, proper religious conduct is based on a thorough understanding of philosophy and the application of this knowledge to religious teachings, which is evident in "On Isis and Osiris." In this treatise, the Greek author teaches Clea how to interpret Egyptian myths and precepts in a philosophically correct manner, aiming to make her a "true" Isiac, especially after her initiation into the mysteries of these deities.

Keywords: education, philosophy, Plutarch, Isiac cult, religious piety.

INTRODUÇÃO



Quando estudamos as evidências sobre a educação masculina na Antiguidade Clássica, podemos dizer que não nos restam tantas fontes para nos aprofundarmos no assunto. Isso é ainda mais evidente quando tentamos observar a presença feminina na filosofia antiga, campo do saber no qual a maior parte das evidências sobre o assunto provém dos tratados masculinos que citam ou comentam o papel das mulheres na filosofia. Marguerite Deslauriers¹ relata que nos deparamos com duas dificuldades ao nos aprofundarmos nas mulheres filósofas na Antiguidade: 1) Alguns tratados que são comumente vistos como de autoria feminina são, na verdade, difíceis de comprovar quanto à autoria. Isso ocorre, entre muitos outros motivos, porque alguns homens escreviam sob pseudônimos femininos. 2) A outra dificuldade reside no conteúdo filosófico do texto, ou seja, o que seria considerado filosófico em si.

O objetivo deste trabalho é analisar o papel do conhecimento filosófico na piedade religiosa segundo Plutarco de Queroneia. Para isso, utilizamos como exemplo a educação da sacerdotisa Cléa, a quem o nosso autor dedicou dois de seus textos: *Sobre Ísis e Osíris* e *Sobre as virtudes das mulheres*. Defendemos que o grego ensinava a filosofia também como uma ferramenta eficaz para um bom comportamento e entendimento dos ensinamentos religiosos, evitando a *deisidaimonia*. Outro ponto importante é destacar a figura de Cléa e sua educação nos estudos da educação grega antiga e nos estudos de gênero.

Entendemos como “culto isíaco”, na realidade, uma conjunção de cultos dedicados a algumas divindades egípcias, mais ou menos helenizadas, que pertenciam ao mesmo grupo mítico, religioso e litúrgico, originários do Egito, e que se expandiram para além do Vale do Nilo, entre o final do século IV a.C. e o final do século IV d.C.. Esses deuses eram Ísis, que tinha como consorte Osíris ou Serápis; seu filho Harpócrates; seu companheiro Anúbis/Hermanubis; o falcão Hórus; Bastet; o touro Apis; Hidreios; Néftis; e até mesmo a divinização do rio Nilo². Porém, esses deuses não necessariamente tinham o mesmo peso ou

¹ M. Deslauriers, Women, Education, and Philosophy. In: S. Dillon, S. James, (ed.). *A Companion to women in the Ancient World*. Oxford, Blackwell Publishing, 2012, p. 343.

² M. Malaise, La diffusion des cultes isiaques: un problème de terminologie et de critique. In: L. Bricault, P.G.P Meyboom, M. J. Versluys (ed.). *Nile into Tiber*. Egypt in Roman World. Leiden, Brill, 2007, pp. 21-22.

suas presenças nem sempre eram atestadas completamente juntas. Em outras palavras, poderiam variar muito nos contextos geográficos, topográficos e cronológicos.

O FATOR DA EDUCAÇÃO DAS MULHERES NA ANTIQUIDADE GRECO-ROMANA

A compreensão da posição e influência das mulheres na Antiguidade greco-romana é um tema de grande relevância histórica e cultural. Para se analisar adequadamente esse contexto, é essencial considerar o papel desempenhado pela educação das mulheres. Nas civilizações grega e romana, as mulheres enfrentavam restrições significativas em sua participação na vida pública, mas a educação desempenhava um papel fundamental na formação de suas identidades e habilidades. Neste tópico, exploramos o impacto das diferentes formas de educação disponíveis para as mulheres da Antiguidade greco-romana, examinando como essas influências moldaram suas vidas, perspectivas e contribuições à sociedade da época. Ao mergulhar nas nuances das educações femininas na Antiguidade, podemos compreender melhor as complexas dinâmicas de gênero que permearam essas civilizações e sua influência nas estruturas sociais e culturais. Sabemos hoje de poucos textos filosóficos de autoria feminina. Assim, entramos na questão do letramento e do iletramento na Antiguidade.

Determinar o nível de alfabetização das mulheres gregas é especialmente importante para avaliar o nível de sua educação. O conhecimento das letras poderia ser uma ferramenta que possibilitasse a autoeducação independente das instituições educacionais e culturais. Isso é especialmente importante no caso das mulheres gregas de famílias de classe alta e média, por terem mais tempo livre que seus maridos e por estarem isoladas do contato com a cultura da palavra falada (o simpósio, o teatro, os tribunais, as assembléias)³.

O que sabemos é que entre as pessoas letradas que sabiam ler e talvez até mesmo escrever, o número de mulheres era significativamente menor do que o de homens; o letramento feminino estava relacionado ao *status* social ao qual ela pertencia, ou seja, entre os *aristoi*.

³ A. Wolicki, *The Education of Women in Ancient Greece*. In: W. M. Bloomer (ed.). *A companion to Ancient Education*. Oxford, Blacwell Publishing, 2015, p. 310.



Por mais tentador que seja, não podemos uniformizar a educação "greco-romana", sendo atualmente aceito falarmos de "educações". No mundo romano, o objetivo da educação das meninas ainda se baseava na preparação para o casamento e para a maternidade, enquanto o dos meninos – especialmente da elite – era a preparação para a carreira pública. Apesar de objetivos aparentemente diferentes, que poderiam até ser vistos como prejudiciais para as mulheres, na prática as coisas pareciam mais flexíveis. Algumas escolas tinham a coeducação e muitas famílias ricas pagavam por professores para ensinarem seus filhos e filhas em casa. No entanto, essa educação das meninas era tanto rara quanto curta, já que muitas garotas, ao se casarem, não tinham a oportunidade de dar continuidade aos estudos.

O que não mudou muito da Grécia Clássica até a formação do Império Romano foi que a acessibilidade das mulheres à educação continuou dependente de suas circunstâncias de vida: suas riquezas ou o *status* de suas famílias, o acesso a livros e bibliotecas privadas, a inclinação da família em gastar dinheiro na educação de suas filhas. Em outras palavras, dependia basicamente da boa vontade dos homens abastados, sejam eles pais, maridos ou irmãos.

O casamento na sociedade romana marcava a transição das mulheres de garotas para matronas adultas. Esse marco não significava um cessamento das instruções educacionais da mulher, mas, na verdade, se fosse da vontade do marido, muitos tutores passavam a instruí-las em suas novas casas, ou eram instruídas pelos próprios maridos. Algumas dessas mulheres de elite também poderiam assistir a recitações públicas ou a certas performances nos teatros, ou até mesmo participar de certos jantares de grupos mais "cultos" onde livros poderiam ser lidos ou apresentados. Como hoje, as leituras das mulheres também poderiam variar de acordo com o acesso delas ao livro em si, entre outras razões.

E o que essas meninas das famílias de elite aprendiam? Acredita-se que, basicamente, recebiam uma educação literária, com ênfase especial nas poesias gregas e romanas, mas também podiam estudar filosofia, geometria, composição de prosa e música. É preciso lembrar que essas matronas de estratos mais elevados também tinham que entreter seus convidados, o que exigia um certo grau de conversação interessante e pertinente. Além disso,

tinham que gerir suas casas e seus bens e apoiar os interesses políticos e financeiros de seus maridos.

Contudo, a alta educação dessas mulheres tinha um caráter ambíguo. Por um lado, tais mulheres poderiam ser bastante criticadas. Luciano de Samosata ridicularizava-as, afirmando:

Embora sejam facilmente suportáveis, assim como as roupas dos homens. As mulheres - pois mesmo isso é valorizado por elas, ter alguns educadores pagos como subordinados a elas e segui-las com seus vestidos. Pois isso parece ser uma das características de seu embelezamento, se disserem que são educadas e fazem canções que não diferem muito das de Safo - por causa disso, elas também contratam retóricos, gramáticos e filósofos e as ouvem. Como é ridículo! Elas estão sempre ocupadas, seja entrelaçando seus cabelos e ajustando-os, ou em outro momento, porque às vezes não têm lazer. Muitas vezes, quando o filósofo está explicando algo, a delicada mulher se aproxima e pede ao adúltero um pedacinho de papel, enquanto os outros ficam esperando por suas palavras sobre a moderação, até que ela, depois de copiar para o adúltero, retorne para a audição⁷.

Entre as várias acusações enfrentadas pelas mulheres devido à sua educação, estava a de terem os piores vícios, em especial a licenciosidade sexual, a pretensão e a tendência à intromissão. Parecia que a educação as afastava dos ideais da matrona romana – modéstia, castidade e domesticidade. Juvenal criticava-as assim: “Pois aquela que deseja ser muito culta e eloquente deve recolher suas túnicas até a metade da perna, sacrificar um porco a Silvano e tomar banho por um quádruplo asse”⁸.

Por outro lado, era um marcador de *status* social, já que não era algo barato, e não estava restrito apenas às mulheres de Roma. Apuleio, escrevendo do norte da África, descreve sua recém-casada esposa, Emília Pudentila, que por sinal era viúva e rica, como uma mulher que escrevia excelentes cartas em grego⁹. Entre os maridos que apreciavam a erudição de suas esposas, temos Plínio, o jovem, que escreveu:

⁷ Lucian, *Works*. with an English Translation by. A. M. Harmon. Cambridge, MA. Harvard University Press. London. William Heinemann Ltd. 1921. p. 36.

⁸ Juvenal, *Sátiras*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1996, VI. 445-447.

⁹ Apuleyo, *Apologia; Florida*, Madrid, Gredos, 1980, XXX.

Uma vez que és exemplo de piedade, e amaste teu irmão, o melhor e mais amado, com igual carinho, e amas sua filha como se fosse tua, não apenas manifestando afeição de uma tia, mas também representando o afeto de um pai perdido, não duvido que será uma imensa alegria para ti quando souberes que ela se tornará digna do pai, digna de ti e digna do avô. Possuis uma grande sagacidade e grande frugalidade; ela me ama, o que é um sinal de castidade. Além disso, possui o amor pelas letras, que concebeu através do meu afeto. Ela lê meus livros e até os aprende de cor. Com que ansiedade ela se alegra quando me vê prestes a realizar algo! Aqueles que estão ao seu redor se preparam para relatar a ela o consentimento que obtive e os aplausos que recebi, e também o resultado do julgamento. Quando recito, ela senta-se próxima, separada apenas por um véu, e ouve atentamente os meus elogios. Ela até canta meus versos e toca a cítara, sem instrução de qualquer mestre habilidoso, mas com o amor que é o melhor dos mestres. Por essas razões, tenho a mais firme esperança de que teremos uma harmonia duradoura, cada vez maior. Pois ela não ama apenas a minha idade ou meu corpo, que gradualmente se enfraquecem e envelhecem, mas sim a minha glória. Não poderia ser educada por outras mãos, nem instruída por outros ensinamentos, pois ela nunca testemunhou nada em sua convivência contigo, exceto o sagrado e o honesto, e ela aprendeu a me amar através de tuas palavras. Desde a infância, costumavas louvar e admirar minha mãe como se fosse tua própria mãe, e fazias previsões de que eu me tornaria alguém assim, e agora sou como me pareces para a minha esposa. Portanto, agradecemos mutuamente com entusiasmo, eu porque a escolhi para mim, ela porque me escolheu para si. Adeus¹⁰.

Plutarco de Queroneia era um dos filósofos que defendiam a educação das mulheres, especialmente o estudo da moral filosófica, pelo qual a filosofia fortaleceria sua autocontenção e as protegeria dos comportamentos de imodéstia e superstição, ensinando-as como serem boas esposas e mães. *Lucius Mestrius Plutarchus* nasceu por volta do ano de 45 d.C. na província de Queroneia, ao norte de Atenas. Além de ser cidadão de sua cidade natal, Plutarco também recebeu a cidadania ateniense e a cidadania romana. No entanto, as evidências mostram que ele parece ter se estabelecido em Delfos, onde foi sacerdote de Apolo¹¹, além de ter sido iniciado nos mistérios de Dioniso e possivelmente nos de Ísis e Osíris. Ademais, tendo como base as ideias de Platão e sofrendo influências de outras filosofias, Plutarco foi capaz de produzir interpretações muitas vezes originais sobre mitos e

¹⁰ Pliny, the Younger, *Complete Letters*, Oxford, Oxford University Press, 2006, IV.19.

¹¹ P. Stadter, Plutarch: Diplomat for Delphi? In: L. De Blois (ed.). *The statesman in Plutarch's Works*, Leiden, Kninklijke Brill, 2004, v.1, pp. 19-31

práticas religiosas, fortalecendo a piedade filosófica que defendia e que por muitos é considerada parte do que chamam de Médio Platonismo.

A EDUCAÇÃO DAS MULHERES E OS ENSINAMENTOS FILÓSOFICOS PARA PLUTARCO DE QUERONÉIA

Como Rainer Hirsch-Luipold¹² observa, Plutarco partia das tradições religiosas praticadas para a busca da verdade filosófica, ou seja, seria na tradição religiosa que se encontrava a verdade divina¹³. Em outras palavras, Plutarco aplicava sua teoria teológica para interpretar várias tradições religiosas, incluindo o culto aos deuses egípcios e seu mito, em especial à deusa Ísis. A obra *Sobre Ísis e Osíris* é um tratado presente nas *Obras Morais* e é composta por oitenta capítulos. O tratado é o número 118 no Catálogo de Lâmprias, com o título "ΠΕΡΙ ΙΣΙΔΟΣ ΚΑΙ ΟΣΙΡΙΔΟΣ" (*Sobre Ísis e Osíris*). A data exata em que a obra foi escrita varia entre 115 e 125 d.C. Isso é sugerido pelo capítulo 68, no qual Plutarco se refere ao que poderia ser seu ofício de sacerdote em Delfos e pelas evidências que sugerem que Clea foi sacerdotisa nessa mesma época. Isso mostra que o tratado foi finalizado no término da vida de Plutarco. Quanto ao local de produção, sugere-se que foi escrito durante seu período em Delfos.

A obra é dedicada a Cléa¹⁴, filha de seus amigos Poliano e Euridice, a quem Plutarco também dedicou a obra *Preceitos conjugais*. Plutarco oferece conselhos matrimoniais aos recém-casados, principalmente nos aspectos morais do casamento, visando o benefício de ambos. Isso representa um claro exemplo de como o casal pode colocar em prática os conhecimentos filosóficos que receberam em suas educações.

O último parágrafo deste tratado é de especial interesse, pois Plutarco destaca a importância da presença de Euridice nas discussões filosóficas ao lado do marido, bem como o papel do marido como tutor da esposa:

¹² R. Hirsch-Luipold, Religion and myth. In: M. Beck (ed.). *A Companion to Plutarch*. Oxford, Blackwell, 2014, pp. 163-173.

¹³ Plutarco. *De Iside et Osiride*, Cambridge, University of Wales Press, 1970, 1.351C.

¹⁴ Plutarco, *E. Op. Cit.*, 1.351.

Além disso, tu, Poliano, já que estás em uma idade propícia para praticar a filosofia, adorne seu caráter com discursos acompanhados de demonstrações e deliberações, frequentando e buscando a companhia daqueles que possam ajudá-lo. Reunindo de todas as partes, como as abelhas, o proveitoso e incorporando-o em si mesmo, compartilhe isso com sua esposa e discuta com ela, para que os melhores discursos se tornem familiares e úteis a ela. Pois para ela, "você é" o pai "e a venerada mãe, assim como o irmão". E não é menos honroso ouvir de sua esposa dizer: "Esposo, você é para mim guia, filósofo e mestre das coisas mais belas e divinas"¹⁵.

Além disso, Plutarco ressalta que a filosofia poderia moldar o comportamento da mulher, de modo que:

Esses ensinamentos, principalmente, afastam as mulheres de um comportamento indecoroso. Na verdade, uma mulher que está aprendendo geometria se envergonhará de dançar e não aceitará encantamentos de poções, se estiver encantada com os escritos de Platão e Xenofonte. E se alguma feiticeira prometer fazer a lua descer, ela rirá da ignorância e tolice das mulheres que acreditam nessas coisas, pois ela não desconhece a astrologia e ouviu falar que Aglaonice, filha de Hegétor da Tessália, por ser especialista em eclipses de lua cheia e conhecer antecipadamente o momento em que a lua é obscurecida pela sombra da Terra, enganava e convencia as mulheres de que ela fazia a lua descer¹⁶.

Em outro tratado, intitulado *Sobre a Superstição*, Plutarco critica veementemente as práticas supersticiosas. Por exemplo, ele condena a *deisidaimonia*, relacionando-a à magia e ao temor aos deuses, que resultam em "ações e emoções ridículas da superstição, suas palavras e gestos, seus encantamentos e magias, seu círculo giratório e seus deveres religiosos sujeitos, seus castigos bárbaros, extravagantes e ultrajes diante dos templos"¹⁷.

Plutarco continua alertando Poliano: "Na verdade, se as mulheres não receberem as sementes de discursos proveitosos e não participarem da educação com seus maridos, elas mesmas, sozinhas, gerarão uma multidão de projetos e paixões estranhas e perniciosas"¹⁸.

Direcionando-se diretamente a Euridice, o grego explana,

Tu, Eurídice, tente acima de tudo familiarizar-se com os ensinamentos das pessoas sábias e boas, e tenha sempre em mente aquelas lições que aprendeu ao

¹⁵ Plutarco, *Preceitos Conjugais*, São Paulo, Edipro, 2019, 48.

¹⁶ Plutarco, E. Op. Cit., 48.

¹⁷ Plutarco. *Obras Morales y de Costumbres* (Vol. III), Gredos, 1987, *Sobre a Superstição*, XII.

¹⁸ Plutarco. *Preceitos Conjugais*, 48.

nosso lado quando ainda era jovem, para alegrar seu marido e ser admirada pelas outras mulheres, adornada de forma tão preciosa e digna sem custar nada¹⁹.

Outro ponto interessante do parágrafo 48 é notar que Plutarco foi tutor de Euridice, da mesma forma que foi tutor de Cléa. Isso demonstra que a protagonista desta conversa recebeu, de fato, conhecimento filosófico.

Em relação a Cléa, Plutarco lhe dedicou dois trabalhos: *Sobre Ísis e Osiris* e *Sobre as Virtudes das Mulheres*. O último é um breve compêndio de contos, mitos e histórias sobre a exibição pública de mulheres famosas. As circunstâncias que levaram à escrita desse trabalho estão relacionadas à morte de Leôntis, embora não saibamos com certeza qual era a relação dela com Cléa. Para o grego, tanto homens quanto mulheres compartilhavam virtudes, e em muitos momentos, as mulheres foram exemplos de ética para os homens. Plutarco afirma:

[...] eu tive imediatamente naquele momento uma longa conversa contigo, não desprovida do encorajamento do filósofo, e agora, como tu querias, escrevi para ti o que restou do que foi dito, sobre os dizeres acerca da virtude do homem e da mulher ser uma única e a mesma, contendo demonstração histórica e sem ter sido composta para o prazer da escuta²⁰.

Contudo, nosso trabalho não diz respeito se Cléa era uma filósofa ou não, mas se ela recebeu uma educação filosófica, e por conseguinte, se isso auxilia na piedade religiosa e nas atitudes de uma isíaca. Clea era uma iniciada da deusa Ísis²¹, líder das sacerdotisas do deus Dioniso em Delfos e iniciada nos mistérios de Osiris²².

A filosofia, na concepção de Plutarco, auxiliava o iniciado a entender a natureza divina, na medida do possível, a própria verdade divina (*aletheia*), fornecida pelos deuses, e no caso do culto isíaco, defendemos que este conhecimento seria fornecido pela deusa Ísis aos iniciados, apresentando a eles uma sabedoria dos deuses que os afastaria de caírem na *deisidaimonia*, ou seja, em um medo infundado e exagerado das divindades que os levassem a práticas religiosas excessivas que os afastariam da *pietas*. O grego alerta Clea, que, como iniciada

¹⁹ Plutarco, *E. Op. Cit*, 48.

²⁰ Plutarco. *Obras Morales y de Costumbres* (Vol. III), Gredos, 1987, *Virtude das Mulheres*, I.

²¹ Plutarco, *Sobre Ísis e Osiris*, 2.351.

²² Plutarco, *E. Op. Cit*, 35.364.

nos mistérios desses deuses, deveria se atentar a interpretar todo conhecimento passado durante a iniciação a partir da filosofia platônica, sendo essa a única guia para a luz da verdade que é o conhecimento dos deuses:

Em razão disso, aspirar à divindade é o desejo da verdade, especialmente a relacionada aos deuses, como elevação dos assuntos sagrados, obtendo-a por meio de aprendizado e investigação, tarefa mais sagrada que toda a purificação e dedicação ao templo, não menos grata a esta deusa que tu serves, porque ela é sábia e filósofa com distinção.²³

A deusa, apresentada pelo grego, é uma divindade que preza por essa busca da sabedoria divina, tanto que, em sua interpretação, o nome “Ísis” significa conhecimento e entendimento²⁴. E, assim, como aquela que buscou e reuniu as Palavras Sagradas/Osiris e entregou aos iniciados, esses, por sua vez, deveriam realizar a busca por esse conhecimento fornecido por Ísis, refletindo racionalmente sobre as palavras que lhes eram passadas, além de realizar os serviços do templo e manter a pureza da mente e do corpo por meio das restrições alimentares e sexuais. Em outras palavras, um verdadeiro isíaco era aquele (a) que mantinha uma obediência escrupulosa à deusa, uma piedosa atenção ao serviço religioso e uma pureza perseverante, sendo que para Plutarco a postura reflexiva dos atos religiosos como o principal ato que um isíaco deveria tomar para alcançar uma verdade divina em que se afastasse da superstição e do ateísmo. Assim, para marcar o que seria um isíaco, Plutarco usa a seguinte comparação:

“Pois, os filósofos não são os que deixam suas barbas crescer, ó Cléa, e trajam mantos puídos, nem Isíacos são os que usam vestes de linho e se barbeiam; mas um Isíaco de verdade é aquele que, quando recebe legitimamente da tradição o que se vê e o se faz a esses deuses, por meio da razão, busca e se aplica filosoficamente ao estudo da verdade existente nisso”²⁵.

O título “isíaco” parece ter estado sobre condições aos quais eram adquiridos, já que era um *status* que dava certos direitos, pelo menos no ambiente religioso do templo, deveres e relações sociais implícitas. Podemos interpretar que, na visão de Plutarco, isíaco seria um

²³ Plutarco, *E. Op. Cit.*, 2.

²⁴ Plutarco, *E. Op. Cit.*, 2.351F.

²⁵ Plutarco, *E. Op. Cit.*, 3.352C.



adorador do culto isíaco, que poderia ser um seguidor, um devoto, um iniciado ou um sacerdote. Mas nessa visão plutarquiiana, o isíaco parece ir além do âmbito apenas religioso e se envolve mais de perto com a filosofia, já que o isíaco ideal para ele deveria ter um conhecimento da filosofia. E não seria qualquer filosofia, e sim aquela exposta em seu tratado. De modo que se levássemos em consideração que Cléa obedecesse às ordens e instruções de seu mestre Plutarco, ela poderia ser identificada como uma verdadeira isíaca. Plutarco não foca sua atenção em uma submissão a Ísis tão escrupulosa quanto Apuleio em *Metamorfoses*. Para ele, a obediência religiosa era vista mais no guardar a descrição, no silêncio contido nos rituais e nos ensinamentos secretos e, também, na realização dos serviços religiosos. Para exemplificar o silêncio que o iniciado deveria guardar, ele usa a imagem de Harpócrates com o dedo na boca. Para o grego, o filho que Ísis gerou de Osíris após sua morte é o deus “que preside e aconselha a palavra relativa aos deuses, ainda que imatura, imperfeita e inarticulada entre os homens”²⁶. Além disso, Plutarco não trata Ísis ou Osíris como deuses salvadores, como Apuleio o fez, a nosso ver, em *Metamorfoses*, por exemplo. Plutarco, remete à observância de dois princípios, principalmente, na sua aplicação nos dois requisitos a seguir: na realização piedosa dos serviços religiosos e na busca pura de uma verdade divina.

Em que consistia o serviço religioso de um isíaco? Podemos inferir que não se diferenciava muito do que era praticado em outros cultos religiosos, normalmente, exercidos no Mediterrâneo Antigo do II século d.C.: as liturgias diárias, cuidados do templo, a realização e participação dos festivais em honra aos deuses, e quando era o caso, a iniciação dos mistérios.

De acordo com John Scheid²⁷, os romanos utilizavam o termo *sacra* ou *caerimoniae* para se referir ao conteúdo dos rituais e festivais religiosos, e *ritus* para designar o modo ou forma de um ritual tradicional. Esse por sua vez, no sentido moderno, era um conjunto complexo e sequenciado de ações e gestos somados a palavras proferidas, tendo um cenário estabelecido

²⁶ Plutarco, *E. Op. Cit.*, 68.378B.

²⁷ J. Scheid, *An Introduction to Roman Religion*. Edimburgo, Edinburgh University Press, 2010, p. 30

com várias fases que se repetem periodicamente²⁸. Esse conjunto de ações comunicam algo de modo simbólico com significados que devem ser conhecidos por todos, ou pelo menos pela maioria dos praticantes daquele culto. Por isso, podemos dizer que esses ritos religiosos com seu caráter coletivo permitem o compartilhamento de um acontecimento comum, a formação de um vínculo social e de uma identidade de um grupo, isto é, dos celebrantes e de contextos culturais e sociais da festa.

Os objetivos de um rito, ou de rituais, na vida poderiam ser dos mais diversos: saudar aos deuses, homenagear, dar, tomar, receber, vestir-se de maneira solene, comportar-se com humildade, ou o oposto do que foi sugerido, de modo que poderia variar dependendo dos contextos assim como as interpretações externas sobre eles²⁹, como vemos sobre a visão de Plutarco sobre os cultos egípcios.

O que queremos dizer ao falarmos em rito isíaco ou cerimônia isíaca, ou seja, como o isíaco praticava sua crença? Nesse caso, concordamos com L. Beaurin³⁰ quando ela trata esses ritos como “práticas religiosas regulares em homenagem à Ísis, impressas em aspecto solene, inscritas em um quadro formalizado e, conseqüentemente, seguindo um cenário regulado e codificado, concernente a um grupo de indivíduos, restritos ou não”. Nessas práticas, incluem-se as cerimônias dos *feriales*, como a *Isia* e o *Navigium Isidis*, as cerimônias diárias de abertura e fechamento do templo, e também os rituais de iniciação aos mistérios. Esses rituais poderiam ocorrer em diversos locais: no santuário, que Plutarco³¹ chama de *Iseion*; na rua, como a procissão do festival narrado por Lúcio³², nas *Metamorfoses* de Apuleio; na praia³³; no teatro; no espaço doméstico; nas necrópoles.

Se, ao falarmos de um ‘sacerdote isíaco’ como um sacerdote ou especialista nos cultos dos deuses de origem egípcia, estaríamos simplificando uma categoria e ignorando o fato de que

²⁸ L. Beaurin, *Honorer Isis: Les cérémonies isiaques dans les cités de l’Empire Romain Occidental*. Tese de Doutorado. École Doctorale Sciences de l’Homme et de la Société, Université Lille Nord de France, Lille, 2013, pp. 11-12.

²⁹ J. Scheid, *An Introduction to Roman Religion*, p. 30.

³⁰ Beaurin, *Honorer Isis*, p. 16.

³¹ Plutarco, *Sobre Ísis e Osíris*, 3.352.

³² Apuleio. *O Asno de Ouro*, São Paulo, Trinta e Quatro, 2019, XI. 7-16.

³³ Apuleio, *E. Op. Cit.*, XI.16

se trata de um culto de mistérios hierarquizado e organizado em níveis de conhecimento. Um exemplo claro seria se tomarmos as iniciações de Lúcio nas *Metamorfoses* de Apuleio, que passou por vários estágios até atingir o grau máximo de sacerdócio isíaco, no cargo de pastóforo.

Quanto aos sacerdotes, Plutarco³⁴ informa sobre dois sacerdotes sagrados muito importantes: os *hieraphóroi*, ou “portadores dos vasos sagrados”, que carregam em sua alma, como em uma cesta, o conhecimento sagrado e secreto dos deuses, guardados e limpos de toda a superstição e indiscrição. A esses poderíamos dizer então que correspondem ao sacerdote da procissão narrada por Apuleio que levava uma cesta “que o encerrava o que se dissimula aos olhares: escondia, no bojo, os mistérios da sublime religião”³⁵.

Podemos afirmar assim que, para Plutarco, o mais importante para um isíaco seria a busca por uma verdade dos deuses baseada no pensamento filosófico. Só a partir dessa se deveria interpretar tanto os mitos sobre as divindades quanto os rituais tradicionais religiosos para que fosse possível entender o real significado daquelas cerimônias. Porém, o grego não exclui a importância dos serviços do templo e as purificações, mas defende que sem um pensamento correto sobre o divino e as práticas religiosas mais facilmente os homens e as mulheres podem ter pensamentos absurdos sobre os deuses e, conseqüentemente, caírem na superstição e no ateísmo. Perceba-se que Plutarco não propõe nenhuma mudança nos rituais e cerimônias em si, mas sim uma interpretação a essas práticas e tradições já existentes.

CONCLUSÃO

Ainda pairam dúvidas em relação aos cargos de sacerdotisas nos cultos isíacos. Existem evidências de mulheres sacerdotisas de Ísis, especialmente em monumentos funerários gregos. No entanto, se virmos o avanço na hierarquia religiosa do culto isíaco como algo gradual e relativo, e compararmos, por exemplo, com os vários níveis de iniciação que o personagem Lúcio, das *Metamorfoses* de Apuleio, atravessou para chegar ao cargo de pastor,

³⁴ Plutarco, *Sobre Ísis e Osíris*, 3.352B.

³⁵ Apuleio. *O Asno de Ouro*, XI.11.



podemos supor que no momento da produção do tratado de Plutarco, Cléa ainda não era uma sacerdotisa de Ísis completamente formada. No entanto, seguindo o conselho do filósofo, ela poderia conquistar o favor da deusa e ser elevada ao cargo de sacerdotisa isíaca plena.

Para concluir e resumir, podemos observar que a educação, especialmente a filosófica, era importante para Plutarco na manutenção da religiosidade isíaca, mas talvez possamos extrapolar essa importância para outros cultos religiosos. Esse conhecimento não excluía as mulheres, como vimos no exemplo de Cléa, que foi educada por Plutarco e tinha conhecimento da filosofia ensinada pelo grego. Além disso, ela foi iniciada nos mistérios de Ísis e Osíris, com potencial para se tornar a sacerdotisa idealizada por Plutarco em seu tratado. No entanto, é provável que ainda não fosse uma sacerdotisa plenamente formada no momento da redação do tratado, visto que seu mentor ainda se sentiu impelido a exortá-la a estudar filosofia.

Referências Bibliográficas

- Apuleyo. *Apologia; Florida*. Trad. Santiago Segura Munguía. Madrid, Gredos, 1980.
- Apuleio. *O Asno de Ouro*. Trad. Ruth Guimarães. São Paulo, Trinta e Quatro, 2019.
- L. Beaurin, *Honorer Isis: Les cérémonies isiaques dans les cités de l’Empire Romain Occidental*. Tese de Doutorado. École Doctorale Sciences de l’Homme et de la Société, Université Lille Nord de France, Lille, 2013.

M. Deslauriers, Women, Education, and Philosophy. In: S. Dillon, S. James. (ed.). *A Companion to women in the Ancient World*, Oxford, Blackwell Publishing, 2012.

E. A. Hemelrijk, The education of women in Ancient Rome. In: W. M. BLOOMER, (ed.). *A companion to Ancient Education*, Oxford, Blackwell Publishing, 2015.

R. Hirsch-Luipold. Religion and myth. In: M. Beck (ed.). *A Companion to Plutarch*. Oxford, Blackwell, 2014, pp. 163-173.

Juvenal. *Sátiras*, Trad. Bartolomé Segura Ramos. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1996.

Lucian. *Works*, with an English Translation by. A. M. Harmon. Cambridge, MA. Harvard University Press, London, William Heinemann Ltd. 1921. 3.

M. Malaise. La diffusion des cultes isiaques: un problème de terminologie et de critique. In: L. Bricault, P.G.P. Meyboom, M. J. Versluys (ed.). *Nile into Tiber*. Egypt in Roman World. Leiden, Brill, 2007, pp. 19-39.

J. Pinheiro. A mulher e a educação na Grécia Antiga. In: M. J. Beja, A.M. Emonts, M.G. Franco, C. S. Pinheiro. (Coord.). *Mulheres: feminino, plural*. Colóquio Internacional “A mulher em debate: passado-presente”. 2013, pp. 48-61.

Pliny, the Younger, *Complete Letters*. Trad. P. G. Walsh. Oxford, Oxford University Press, 2006.

Plutarch. *De Iside et Osiride*. Trad. J. Gwyn Griffiths. Cambridge, University of Wales Press, 1970.

Plutarco. *Obras Morales y de Costumbres* (Vol. III). Madrid, Editorial Gredos, 1987.

Plutarco. *Preceitos Conjugais*. Trad. Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo, Edipro, 2019.

J. Scheid, *An Introduction to Roman Religion*. Edimburgo, Edinburgh University Press, 2010.



P. Stadter, Plutarch: Diplomat for Delphi? In: L. De Blois (ed.). *The statesman in Plutarch's Works*. Leiden, Kninklijke Brill, 2004, v. 1, pp. 19-31.

A. Wolicki, The Education of Women in Ancient Greece. In: W. M. Bloomer (ed.). *A companion to Ancient Education*. Oxford, Blacwell Publishing, 2015.

S. Xenophontos, Plutarch. In: W. M. Bloomer (ed.). *A companion to Ancient Education*. Oxford, Blacwell Publishing, 2015.